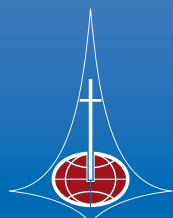
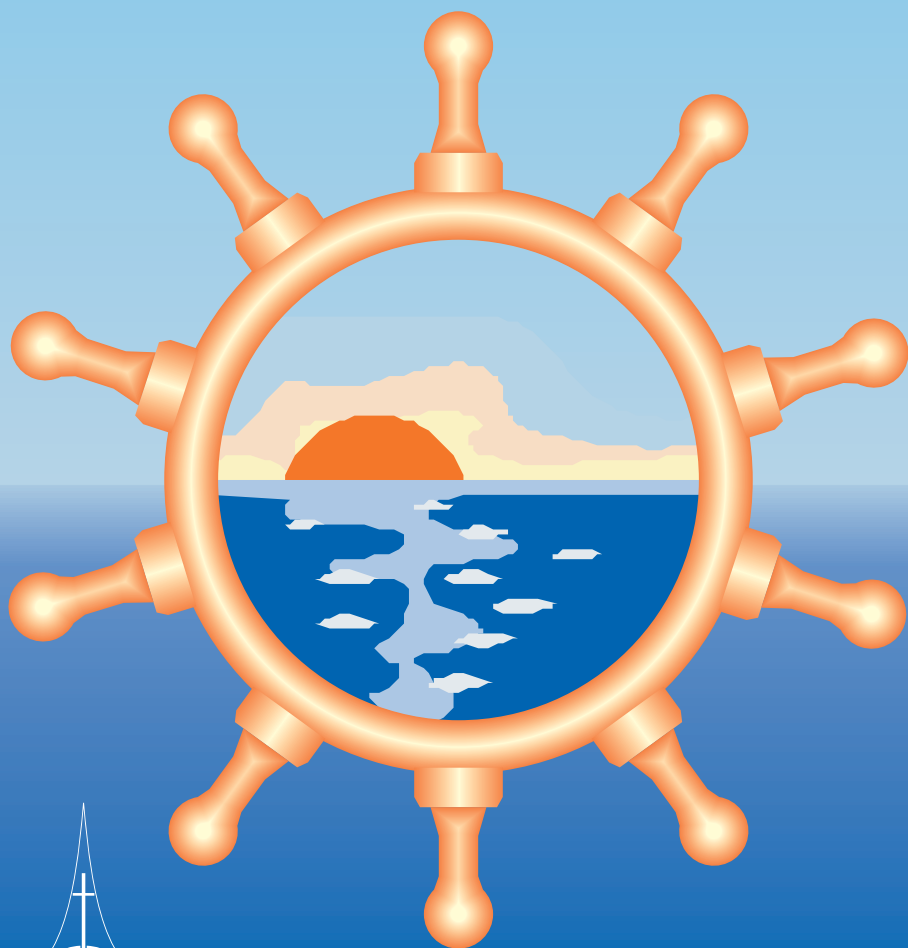


DEZ MANDAMENTOS para Igreja Missionária

Imperativos práticos para a reflexão na IECLB



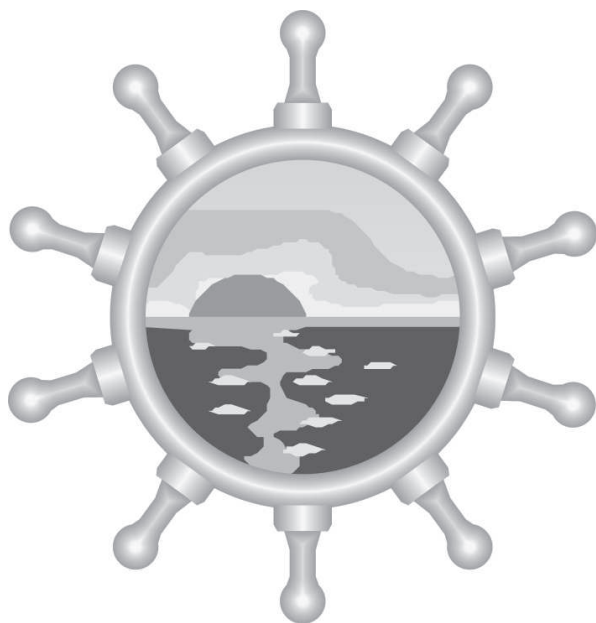
IECLB

Gottfried Brakemeier

DEZ MANDAMENTOS

para Igreja Missionária

Imperativos práticos para a reflexão na IECLB



Gottfried Brakemeier



IECLB

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
Rua Senhor dos Passos, 202 - 4º andar
Caixa Postal 2876 - 90001-970 - Porto Alegre - RS
Tel. (51) 3284-5400 - Fax (51) 3284-5419
E-mail: secretariageral@ieclb.org.br
presidencia@ieclb.org.br
www.luteranos.com.br

© Direitos reservados

1ª Edição: Agosto / 2001 - 3.000 exemplares
2ª Edição: Setembro / 2001 - 2.000 exemplares
3ª Edição: Fevereiro / 2002 - 1.000 exemplares
4ª Edição: Abril / 2010 - 2.000 exemplares



Editora Otto Kuhr

***Um empreendimento da IECLB
e Comunhão Martin Lutero
a serviço do Povo de Deus.***

GRÁFICA E EDITORA OTTO KUHR LTDA.

Rua Erich Belz, 166 - C.P. 6390
CEP 89068-970 - Blumenau/SC
Fone/fax: (47) 3337-1110
E-mail: grafica.ok@terra.com.br

Apresentação

Desde o XXII Concílio da Igreja, realizado em 2000, a IECLB se propõe a *“recriar e criar comunidade juntos para que não haja nenhuma comunidade sem missão e nenhuma missão sem comunidade”*. Esse desafio não é novo, por caracterizar a Igreja cristã de todos os tempos. Todavia precisa ser reconhecido, abraçado e concretizado, de maneira nova e singular, em todo tempo e todo lugar. A missão *precisa ser aprendida*. Ela não começa da estaca zero, visto que o Espírito Santo já agiu antes de nós. Construimos, pois, em cima daquilo que já existe. Assim recriamos a comunidade para que ela se sinta motivada e capacitada a criar novas comunidades. Dessa maneira o amor de Deus se renova e multiplica na e através da comunidade.

Nesse sentido, o pastor e professor Dr. Gottfried Brakemeier criou ***“Dez Mandamentos para Igreja Missionária”***. Trata-se de ponderações muito preciosas e oportunas. Iluminado pelo Espírito Santo, ele distingue e une a verdade e o amor em sua força complementar. Juntos representam *“a sabedoria de que o mundo precisa”*.

Agradeço ao irmão Brakemeier por ter colocado seus pensamentos à disposição da Presidência para fins de publicação. Estou convicto de que esse texto representa um excelente estímulo para toda pessoa cristã comprometida com a missão de Deus em nossos dias. Recomendo a leitura, sobretudo, para obreiras e obreiros bem como líderes comunitários e eclesiais da IECLB.

O assunto da missão deve nos acompanhar enquanto somos Igreja de Cristo. O *Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI)* foi concebido para sete anos. Por isso convido outras pessoas a seguirem o belo exemplo dado, contribuindo com suas reflexões sobre a missão que Deus quer realizar em nossos dias.

Porto Alegre, em julho de 2001

Huberto Kirchheim
Pastor Presidente da IECLB

DEZ MANDAMENTOS PARA IGREJA MISSIONÁRIA

Imperativos práticos para a reflexão na IECLB

Gottfried Brakemeier

Preliminares

A IECLB se propõe nova arrancada missionária. Pretende “Recriar e Criar Comunidade Juntos”, insistindo em que não haja “nenhuma comunidade sem missão” e “nenhuma missão sem comunidade”. Diz assim o “Plano de Ação Missionária da IECLB” (PAMI). Isto é bom e necessário, pois:

Igreja sem missão não tem futuro.

Igreja sem missão trai seu mandato.

Igreja sem missão permanece em dívidas com as pessoas.

Missão, porém, não se faz por si. Precisa ser aprendida. É o que vale particularmente para a IECLB. Os primeiros evangélicos luteranos vieram ao Brasil não como missionários, e, sim, como imigrantes. Estavam proibidos de fazer missão. Esse passado marca a IECLB até hoje. Há inibição missionária a vencer. A IECLB precisa sair de sua toca. Deve aprender a competir no mercado religioso o que, respeitadas as leis evangélicas, nada tem de desprezível. Esse mercado demanda coragem e determinação.

As reflexões a seguir nasceram da convicção de a IECLB ser Igreja “indispensável” na realidade brasileira. Possui enorme potencial missionário, justamente em situação de tão incisivas mudanças sociais como a nossa. Tem palavra relevante a dizer. Cumpre mobilizar as energias e redescobrir o carisma implícito na confissão

luterana. Pessimismo com relação ao futuro da IECLB é cego, sinal de pequena fé e representa o maior obstáculo à missão. Importa, isto sim, abrir olhos e ouvidos e fazer o cérebro pensar para reconhecer os sinais dos tempos. Quem dorme nas palhas, perde o bonde da história.

Nesse processo, o “decálogo” que aqui apresentamos quer ser auxílio. Afim de a Igreja ser missionária, do jeito como Jesus quer, há imperativos a cumprir. Serão eles a matéria de nossa atenção. Nós os trataremos em forma de blocos temáticos que desembocam na formulação de dez “deveres”. Boa parte dos mesmos está sendo atendida na IECLB. A reflexão abaixo não inicia na estaca zero. Insere-se num esforço em andamento, pretendendo nada mais do que contribuir para o bom êxito do mesmo.



1. Missão - o que é

As maneiras de entender “missão” variam. Também na IECLB existem concepções diferentes. Nós propomos a seguinte definição: *“Missão é o testemunho do evangelho na forma de um convite para abraçar a fé e juntar-se a uma comunidade comprometida a dar a glória a Deus e a promover a paz na terra”*. Desdobramos as implicações:

- a. *Testemunho é a forma “original” da missão cristã.* “Sereis as minhas testemunhas”, diz Jesus (At 1.8). Testemunha é quem diz o que viu, ouviu e percebeu (1 Jo 1.1). Comunica uma experiência, um fato relevante, um acontecimento. A testemunha cristã comunica o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo (Jo 3.16). Passa adiante o evangelho.
- b. *Isto por palavra e por gesto.* O evangelho não se resume numa questão apenas verbal. Faz-se acompanhar de “sinais”. Palavra sem gesto é suspeita, gesto sem palavra é mudo. É a razão porque em Jesus se encontram unidos o discurso e a ação, a pregação e a diaconia, o ensino e o exemplo. Missão exige o lado a lado de testemunho verbal e testemunho prático. Um sem o outro sofre prejuízo.
- c. *Testemunho evangélico se articula como convite.* Quer “ganhar” pessoas para a causa comum do evangelho (1 Co 9.19). Convite é essencialmente não violento. Não obriga nem constrange. Não é impositivo. Compartilha e diz: “Entre, a casa é sua.” “Aqui você tem lugar.” Missão tem a ver com “hospitalidade”, “cordialidade”. Oferece comunhão - bem assim como Jesus o fez. Ele não montou consultório à espera de clientela. Foi em busca das pessoas. Fez visitas. Convidou para

aprender a fé. Por isto incumbiu sua comunidade a ir e fazer discípulos (Mt 28.18s).

- d. Quem convida deve identificar-se. Não pode ficar no anonimato. Todo convite precisa de remetente. Portanto: *Missão exige a Igreja “visível”*. Não é por acaso que Jesus comparou a comunidade a uma cidade edificada no monte, incapaz de se esconder (Mt 5.14). Assim também a IECLB. Ela não tem nenhum motivo para colocar sua luz debaixo da tijela. É chamada a colocá-la no velador para que todos a vejam (Mt 5,15). Pela mesma razão *missão exige a Igreja “audível”*. É essencial que use os meios de comunicação para exaltar as grandezas de Deus (At 2.11) e proclamar sua vontade. Deve marcar presença. Igreja que perdeu sua voz adoeceu. Está fora de combate.
- e. A visibilidade da IECLB requer *coragem*. Diz o apóstolo Paulo: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo...” (Rm 1.16). Assim também nós. Seja admitido ser difícil falar sobre a fé. E, todavia, é assunto da mais alta relevância. Pois a fé faz a pessoa. “Dize-me em que tu crês, e eu te digo quem tu és!” Não é indiferente em que nós cremos. Igreja luterana está comprometida com Deus a quem importa temer, amar e confiar acima de todas as coisas (Lutero). Ela vai trazer a vontade e a obra de Deus à memória. Essa insistência nem sempre é simpática. Mas sempre será salutar.
- f. *Missão cristã tem objetivos*. Quer motivar e educar para a fé, o amor e a esperança. Quer congregar as pessoas em comunidade que dá culto a Deus, serve ao próximo, desempenha função reconciliadora e libertadora no mundo. Missão visa a transformação de indivíduo e sociedade. Pretende a conversão, a reorientação, a mudança de rumo. Está a serviço do reino de Deus e da “comunhão dos santos”. Por isto, missão vai empenhar-se em reunir o povo de Deus, em edificar comunidade (1 Co 14.12; etc.), em ensaiar comunhão. A esta comunidade, templo de Deus (1 Co 3.16), Jesus reservou a nobre tarefa de ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13s). A

despeito da imperfeição que caracteriza também a comunidade cristã, cumpre-lhe ser sinal de novidade, buscando em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça.

MANDAMENTO Nº 1

Igreja, para ser missionária, deverá ensaiar a arte de convidar.



2. *Mecanismos de exclusão*

Antes de querer ganhar membros novos, porém, importa estancar as fontes de exclusão. Perder membros é fácil, ganhar outros difícil. Comunidade se assemelha a uma família, para a qual perda de membro sempre deveria ser motivo de dor. Ademais, seja lembrado que, quem não tenta segurar seus membros, não terá força de persuasão ao convidar outros a se filiar. Cabe, pois, estudar as causas que fazem com que membros abandonem a comunidade, dela se desvinculem ou sejam excluídos. Há várias a indicar:

- a. Existe a exclusão por motivos *econômicos*. Ela acontece, quando o membro não mais se vê em condições de pagar a contribuição. Ora, pobreza não é motivo de vergonha num país de tamanhas injustiças como o nosso. Também não é desculpa para se retirar da comunidade nem justificativa para ser dela expulso. Também neste caso vale a “lei de Cristo”, lembrada pelo apóstolo Paulo, dizendo: “Carregai as cargas uns dos outros.” (Gl 6.2) A comunidade deve distinguir entre quem não *quer* contribuir e quem não *pode* contribuir. É injusto excluir os pobres.
- b. Existe a exclusão por motivos *teológicos*. Acontece quando pastores/as ou outros líderes procuram imprimir um só estilo de vivência da fé à comunidade, marginalizando os membros que nela não se enquadram. Isto é falta de amor e sinal de arrogância espiritual. Desde sempre a mensagem cristã se apresentou multiforme. Consequentemente, a identidade confessional da IECLB permite diversidade teológica, enquanto fundamentada em Cristo. Não pode ser excluído da IECLB quem a si mesmo se identifica como membro, a não ser em

caso de flagrante violação da confessionalidade ou de grave infração disciplinar.

- c. Existe a exclusão por motivos *étnicos, raciais ou culturais*. Acontece quando não se admitem pessoas de outras culturas senão da germânica. É bem verdade que a identidade da IECLB, por muito tempo, se apoiava em fundamento étnico. Não havia outra possibilidade. Ela era Igreja de alemães e teuto-brasileiros. Hoje já é diferente. E com efeito, jamais a etnia tem sido base suficiente de Igreja cristã. Em sociedade multicultural vale salientar que Igreja Luterana não tem cor, etnia ou nacionalidade. Está aí para todos e todas. Se antigamente a IECLB definia sua identidade com fortes elementos étnicos, deve defini-la hoje em sentido estritamente confessional.
- d. A exclusão por razões *políticas*. Acontece quando comunidade cristã se confunde com um partido político e se envolve em conflitos nessa área. É o que pode produzir profundas rupturas. É bem verdade que Igreja não pode ficar insensível à política enquanto tange questões éticas. Mas ela não pode prender-se a um projeto político-partidário. Filiação partidária é exigida do indivíduo cristão, não da instituição. A esta cabe a tarefa de comprometer *todos* com a causa da justiça, da paz e do bem comum, sendo por isto também esfera de reconciliação e de mutirão. O “partido” de Igreja luterana é o de Jesus Cristo.
- e. Especial atenção deverá ser dada à *propaganda religiosa* que disputa a fé das pessoas e tenta atraí-las a outras congregações. Paradoxalmente missão evangélica vai consistir, também e em boa medida, na imunização das pessoas contra a sedução religiosa, ávida em conseguir adesão e clientela. Em situação de mercado religioso vale o princípio: Quem não faz missão, vai sofrer a missão de outros. Vítimas preferenciais dessa acirrada concorrência serão os membros desinformados, negligenciados pela comunidade ou então insatisfeitos. Vão desaparecer do fichário paroquial. Não há como conformar-se com isto.

Exclusão ou desmembramento podem ocorrer por ainda *outras razões*. Insensibilidade pastoral, escândalos, rivalidades pessoais podem produzir rachas na comunidade e afastar membros. Outros desaparecem em razão da migração na vastidão desse país ou então nas periferias das cidades. Buscam então outro abrigo religioso. Não temos o propósito de oferecer análise exaustiva. De qualquer maneira, quem quiser encher um balde de água, deve antes fechar possíveis furos. Assim também a comunidade. Ela precisa verificar o que lhe causa diminuição do quadro de seus membros e então reagir.

MANDAMENTO Nº 2

Igreja, para ser missionária, deverá eliminar causas de injustificável evasão de membros.



3. Ser cristão em rebanho plural

Pluralismo é marca da sociedade moderna, global. Já não mais podemos manter o diferente à distância. Vivemos em nova vizinhança. Ela significará o quê? Conflito permanente ou o “vale tudo”?

Comunidade luterana não pode aprovar nem o fanatismo religioso nem o relativismo. Buscará orientação bíblica e confessional. Examinará tudo e vai reter o que for bom (1 Ts 5.21). Tentará discernir os espíritos (1 Co 12.8). Exatamente por isto terá que manifestar sua inconformidade com o abuso, colocando limites à pluralidade. Saberá, porém, que diversidade, enquanto for capaz de complementar-se, é sinônimo de riqueza. Cabe resistir à visão da comunidade uniformizada. A imagem do corpo, usada por Paulo (Rm 12.3s; 1 Co 12.12s; etc.), mostra que sem diversidade não há comunhão. Também não haverá “comunidade”. O que é absolutamente igual, não pode servir-se. Um cego não pode guiar outro cego (Lc 6.39). Daí decorre:

- a. Comunidade luterana deverá respeitar diversidade nos estilos de piedade. Fé se expressa em muitas formas. Enquanto compatíveis com a identidade luterana, devem ter assegurado seu espaço. Aplica-se isto também às expressões chamadas “carismáticas” desde que se orientem no espírito da Bíblia (1 Co 12-14) e não sejam apregoadas como sendo o padrão da fé. Comunidade cristã costuma estar composta de multiplicidade de “públicos”. É pecado bitolar a piedade evangélico-luterana e permitir-lhe uma só expressão.
- b. Daí porque a IECLB deve diversificar sua “oferta”. Não pode oferecer somente o “prato da casa” sem possibilidades de variação. De restaurante espera-se que tenha “identidade”.

Ninguém vai a Pizzaria para comer feijoada. Mesmo assim, dentro de sua especificidade espera-se também de Pizzaria cardápio variado. Comunidade cristã não é restaurante. Ainda assim, deve ser capaz de adequar-se a membresia multiforme. Se há pessoas “tradicionais” e outras “modernas”, ambos os grupos deverão ser contemplados com programações específicas. A opção em favor de apenas um público em detrimento dos demais costuma ser mortal para a comunidade.

- c. Recomenda-se, por isto, cuidado na introdução de inovações. Nem tudo o que valeu até agora é ruim, assim como também nem tudo o que é novo merece ser rejeitado. Exige-se tato e pedagogia pastoral, proibindo-se a manipulação e a terapia de choque. Pois a comunidade é de Jesus Cristo. Ela permanece, enquanto os obreiros e as obreiras vem e vão. Ela não é propriedade de pastores/as ou de presbíteros/as. Importa redescobrir de novo que o rebanho de Jesus desde sempre tem sido plural e que a tarefa pastoral requer habilidade no trato de diferenças. É preciso pastorear a *comunidade*, não um *grupo preferencial*.
- d. A IECLB tem tido seu tradicional “habitat” na área rural. Ainda hoje é Igreja predominantemente radicada no interior. Corresponde a isso uma visão que concebe a comunidade como “sedentária”, centrada em torno do templo, composta por gente igual. A urbanização, porém, coloca em crise esse modelo. Cidade, isto significa sobretudo pluralismo e desigualdade. Significa também chances, oportunidade, oferta. Somente uma Igreja de estruturas flexíveis, com alto grau de mobilidade e criatividade vai sobreviver na megalópole e mesmo nas cidades de médio porte. Ela vai ter que juntar o “centro” e a “periferia”, procurar o vizinho anônimo. Novas formas de vida comunitária serão imprescindíveis para atender a variedade de situações, de casos e mesmo de conflitos.
- e. A solução mais simples para resolver diferenças costuma ser a divisão. Mas é a menos evangélica e acarreta incontáveis prejuízos. Como pregar a reconciliação com Deus (2 Co

5.18s), se os grupos na comunidade se mostram incapazes de conviver em paz? Diferenças precisam ser trabalhadas e convertidas em cooperação. O mesmo vale para a sociedade global. Pluralismo se torna inviável caso não se alicerçar em consensos básicos, respectivamente “constitutivos”. Comunidade luterana deveria dar o exemplo da possibilidade de comunhão plural.

MANDAMENTO N º 3

Igreja, para ser missionária, deverá ser capaz de reconciliar diversidade e promover comunhão.



4. O talento luterano

Igreja luterana não reivindica monopólio entre as Igrejas irmãs. Enxerga a Igreja de Jesus Cristo acontecer sempre que o Evangelho está sendo pregado devidamente e os sacramentos celebrados corretamente. Assim diz a Confissão de Augsburg. A tradição luterana, pois, compromete com a busca de autenticidade evangélica, com o recurso à Bíblia, com a qualidade cristã da comunidade. Igreja luterana se confessa apostólica e católica, embora não romana. Em conformidade com isto, a IECLB, em sua Constituição, declara-se “Igreja de Jesus Cristo no Brasil”. Sabe da diferença que há entre a Igreja que *vemos* e a Igreja que *cremos*. E no entanto, define-se como membro da comunhão dos santos, da qual fala o Credo Apostólico. São significativas as consequências:

- a. A Reforma do século XVI, embora resultasse em divisão, brindou a cristandade com precioso dom. Igreja luterana se sabe guardiã deste tesouro. Recebeu um talento para com ele trabalhar. Não nega que outros igualmente tenham recebido o seu, o que possibilita e exige a aprendizagem recíproca. Mas seria fatal ignorar o talento próprio e “enterrá-lo” como o fez aquele servo na parábola de Jesus (Mt 25.14s). O talento que advém da tradição da Reforma confere a Igreja luterana inconfundível perfil. Consiste nas ênfases, nas insistências, numa maneira de pensar e de viver a fé, assim como Lutero e seus cooperadores o ensinaram. Herdamos um jeito de ser, uma perspectiva evangélica, um compromisso relevante para a Igreja de Cristo em todos os tempos e todos os lugares.
- b. Constitui um dos lados fortes de Igreja luterana poder ser auto-crítica. Aplica a necessidade da reforma também a si.

Igreja será sempre, a um só tempo, santa e pecadora, necessitando do perdão de seus pecados e da correção de seus erros. Assim também na IECLB. Seja destacada a necessidade de maior valorização da dimensão emotiva do ser humano. Não raro falta afetividade. No juízo de muitos conterrâneos, os luteranos são por demais “frios”, “sisudos”, “fechados”. Cumpre redescobrir a alegria, a celebração, o abraço como ingrediente do reino de Deus (cf Rm 14.17). Algo análogo vale para símbolos que visualizam dimensões da fé. São como que parábolas explicativas, setas indicadoras, metáforas. O ser humano consiste não só de ouvido. Quer também enxergar algo da glória de Deus (cf Jo 1.14), e mesmo sentir o amor que Deus nos tem.

- c. Especificando o talento luterano, podemos identificá-lo como sendo o da *fé fundamentada*, refletida, consciente. Se a realidade na IECLB for outra, é porque está em dívidas com sua própria identidade. Pois é exatamente isto o que Igreja luterana pretende ser, a saber Igreja da fé abalizada, firmemente alicerçada, responsabilizada. Lutero não se satisfaz com a fé dependente e superficial das pessoas de seu tempo. Foi porque traduziu a Bíblia para o vernáculo. Queria a comunidade adulta, capaz do juízo em assuntos de fé, pronta para dar razão da esperança evangélica (1 Pe 3.15) e criteriosa em sua ação política e diaconal. Trata-se de projeto ambicioso. Pois exige obreiros/as que sejam educadores/as. Exige ampla formação teológica da comunidade e reflexão teológica qualificada.
- d. É do que o mundo globalizado tem premente necessidade. Não falta a *informação*. O que falta é a *orientação*. A tão falada crise da ética tem aí uma de suas raízes. Perplexidade em assuntos de fé parece ser o signo da pós-modernidade. Desapareceram os parâmetros do confiável, do válido, do normativo. A confusão na fé, porém, corrói a sustentabilidade. Produz uma situação de “salve-se quem puder” com todos os sintomas de pânico que lhe são típicos. Instalam-se cultos idolátricos que criam vítimas em proporção galopante. Igreja luterana sempre esteve a serviço da distinção entre Deus e

os ídolos, entre a fé e a superstição, entre a verdade e a ilusão. Introduz sobriedade na vida humana. Ela sabe que fé não pode ser demonstrada. Ainda assim, a fé tem sua “racionalidade”, tem seu argumento, tem o seu por quê. É o argumento da fé que Igreja luterana tentará fazer valer na sociedade.

- e. Confissão luterana sustenta, como verdade básica, que a razão de ser das pessoas independe de sua produção. Vida, dignidade, perdão, futuro, tudo o que é essencial de vida humana é dom de Deus. Antes de se tornar ativo, o ser humano recebe. Isto não significa desprezo à produção, ou seja às obras. Pois é preciso trabalhar com as boas dádivas de Deus e administrá-las devidamente (Mc 12.1-12). E no entanto, não é a produção que faz o ser humano. Seu direito à vida tem em Deus a sua fonte, não em conquistas, méritos e índices de produtividade. Igreja luterana desafia o mundo moderno, afirmando que somente tal perspectiva vai garantir a sociedade sustentável e será capaz de afastar o pesadelo de um mundo terrivelmente “desumano”.
- f. Religiosidade luterana pode não atingir o mesmo nível de fervor como outras. Não será menos intensiva por isto. Fanatismo religioso não constitui indicador de autenticidade e nem mesmo de certeza. Está correto que Igreja luterana há de assumir, bem mais do que o faz, a natureza religiosa da prática cristã. Mas vai insistir antes de mais nada no discipulado da pessoa batizada. Fé se processa como aprendizagem contínua, como catecumenato permanente, como seguimento a Jesus Cristo, proporcionando justamente assim a experiência da maravilhosa liberdade cristã (Gl 5.1s). A Reforma do século XVI tem sido fabuloso movimento libertador. Rogamos a Deus e nos empenhamos para que se repita.

Por todas essas razões proíbe-se a Igreja luterana copiar de outras Igrejas supostas receitas de atualização, modernização, e reconquista de atratividade. O plágio nunca será idêntico ao original. Repetimos: Não negamos a necessidade da aprendizagem ecumênica. Mas os elementos trazidos de fora necessitam do “ba-

tismo” com o nosso jeito e a nossa visão para não serem alienantes. Importa integrar. Quem apenas imita, sem exame crítico, vai preparar membros para se despedir da IECLB. Naturalmente também obstinação tradicionalista pode afugentar gente. É preciso mudar, sim! Os processos sociais, culturais e tecnológicos em andamento no mundo globalizado exigem incisivas adaptações. Mas isto não sob renúncia à identidade. A IECLB precisa preservar seu rosto. A confissão luterana é dom por demais precioso para ser desprezada. Vamos servir com o que temos de melhor.

MANDAMENTO N º 4

**Igreja, para ser missionária, deverá mostrar um
claro perfil e uma proposta convincente.**



5. A fé, o sucesso e a cruz

Igreja que estagna, tem motivos para se preocupar. Que está fazendo errado? Precisa fazer um diagnóstico, um “check up”, um levantamento do seu desempenho. Vai buscar o sucesso. E no entanto, é a fidelidade ao evangelho que lhe é e deverá ser supremo valor. A verdade nem sempre está com a maioria, e há uma diferença entre o que as pessoas *querem* e o que elas *precisam* ouvir. O IBOPE possui enorme fascinação, mas não presta a ser indicador de qualidade evangélica. O próprio Jesus, com frequência, colheu rejeição em lugar de aplausos. Acabou crucificado. Crescimento da IECLB, sim! Mas não a qualquer preço. Caso contrário vamos trair Jesus de novo. Somos “protestantes”, comprometidos com o protesto contra o abuso, do qual arrolamos três exemplos:

- a. Como luteranos não podemos sancionar nenhuma forma de *comércio com o sagrado*. A graça de Deus é gratuita. Ela não se negocia, nem se compra nem se vende. Foi por isso que Lutero se revoltou contra a prática das indulgências. O mesmo vale para a cura divina, a bênção, a prosperidade e outras promessas. Sucesso conseguido pela barganha com Deus é condenado pelo evangelho.
- b. É reprovável o sucesso missionário obtido pela *demonização dos outros*. O mal deve ser temido. Mas nem sempre está nos outros. Em Jesus a motivação para a missão está na misericórdia (Mc 6.34), não na ameaça com castigos infernais e na identificação do diferente com Belzebu. O diabo sempre tem sido mau pedagogo e péssimo missionário. Demonização pode ser fruto do medo, uma forma de auto-afirmação religiosa e falta de amor. Costuma criar antes bar-

MANDAMENTO N º 5

**Igreja, para ser missionária, deverá conjugar
o esforço por eficiência com a fidelidade
ao Evangelho.**

Igreja, para ser missionária, deverá conjugar o esforço por eficiência com a fidelidade ao Evangelho.



6. O sacerdócio de todos os crentes

“Sacerdote é quem leva outros a Deus” (Lutero). Trata-se de uma tarefa atribuída pela Bíblia a todos os crentes. São “embaixadores em nome de Cristo”, portadores da “palavra da reconciliação” (2 Co 5.19.20). São chamados a exercerem funções sacerdotais, oferecendo sacrifícios espirituais em oração e louvor, rendendo culto a Deus e convidando para a fé mediante a proclamação do Evangelho (cf Rm 12.1; 1 Pe 2.5,9; etc.). É este o cerne do que chamamos o sacerdócio de todos os crentes. Novamente detalhamos as implicações:

- a. Se todos os crentes são sacerdotes, já não há espaço para um ministério especial com esse nome. Aliás, quem levou a comunidade a Deus, foi Jesus Cristo, o sumo sacerdote que, conforme o testemunho da carta aos hebreus, se sacrificou a si mesmo e reatou as relações rompidas entre Deus e os seres humanos (Hb 9.11s; etc.). Jesus é o único mediador (1 Ti. 2.5), sendo que tudo o que os crentes podem e devem fazer, é levar as pessoas a Cristo para *por ele* serem levados a Deus e acolhidas em seu amor. Comunidade luterana dispensa um sacerdócio especial à parte de Jesus Cristo. Afirma, isto sim, que por ele a comunidade recebeu um mandato sacerdotal no sentido exposto. Ele é conferido a cada um dos membros pelo batismo.
- b. Por isto mesmo, comunidade luterana não separa entre clérigos e leigos. Não existem duas categorias de cristãos. Todos são sacerdotes e todos leigos. A palavra “leigo” é uma palavra muito bonita. Significa: Membro do povo de Deus. Também pastor/a é “leigo/a”. Se não obstante fazemos distinção

entre leigos/as e obreiros/as na IECLB, usamos o termo como sinônimo de “não especialista”. Mas não criamos hierarquia. “...porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos” (Mt 23.8). Resulta daí uma estrutura não hierárquica da comunidade. Em termos de autoridade, obreiros e comunidade estão no mesmo nível, responsáveis ambos perante o único Senhor que é Jesus Cristo. Ninguém deve dominar o outro. O que existe são serviços, inclusive “serviços estruturados” que chamamos ministérios. Bom governo na Igreja sempre terá natureza prestativa. Ministérios não conflitam com o sacerdócio de todos os crentes. Muito pelo contrário: Estão a seu serviço.

- c. A comunidade precisa de ordens. O sacerdócio dos crentes não legitima a anarquia. “Deus não é um Deus da desordem, e, sim, da paz” (1 Co 14.33) Por isso existem regulamentos na comunidade local, nos Sínodos e na Igreja. Deve haver definição de direitos e deveres, bem como critérios na distribuição de serviços e na tomada de decisões. Sem estruturas e órgãos decisórios comuns, as comunidades se dispersam e o corpo se dilui. A instituição, chamada Igreja, é mais do que um mal necessário. Ademais, a autonomia do indivíduo não dispensa a disciplina que deve reinar também na Igreja. Há um déficit eclesiológico a cobrir na IECLB. A “instituição IECLB” merece mais amor e mais respeito. É humilde serva, é verdade. Mesmo assim, há motivos de a gente se orgulhar e alegrar. A IECLB é Igreja séria, respeitada, evangélica.
- d. Sacerdócio geral de todos os crentes significa que todo membro é missionário. Comunidade luterana não *tem* missão, ela é missão. Missão é assunto de cada qual e não pode ser delegada. Espera-se que o membro da IECLB não esconda sua fé. Mas também o membro menos praticante é potencial que não permite o desprezo e muito menos a exclusão. Uma pessoa como Dietrich Bonhoeffer provinha de família não propriamente ativa na comunidade. Enquanto as pessoas se identificam com a sua Igreja, ninguém tem o direito de rotulá-las de descrentes.

e. Aliás, não há como claramente distinguir os “convertidos” dos “não convertidos.” Quem conta o número de convertidos em seu rebanho, está antecipando o juízo final e vai arrancar o trigo juntamente com o joio (Mt 13.24-30). Pois quem define os critérios da conversão? A insistência na “conversão” pode ser recaída na padronização da piedade, da qual falamos acima. Importante mesmo é equipar e treinar os membros para a sua função sacerdotal, abrir-lhes espaço na comunidade e convidá-los à participação. Não raro a formação teológica das pessoas estagnou no nível do ensino confirmatório. Isto é profundamente deplorável, insuficiente para a uma fé ofensiva no mundo. O sacerdócio dos crentes não se resume em bonita *constatação*. É *proposta* a ser colocada em prática.

É bem verdade que o projeto se defronta com dificuldades. É exigente. Pretende o membro responsável, motivado, engajado. Para tanto faltam, não raro, as condições. Igreja luterana, em sua história, ficou em dívidas com o sacerdócio de todos os crentes. Mas ele é valioso tesouro a ser continuamente reativado. Quem se compromete com o sacerdócio de todos os crentes, aposta no “leigo”, valoriza a comunidade, busca o “povo”. Igreja luterana sempre quis ser “Igreja de base”. Insiste na alfabetização, na escolarização e educação de seus membros, apoiando ou até mantendo escolas por essa razão. Quer a escola ao lado da igreja. Contribui assim para a formação da cidadania. Mesmo em sua concretização apenas parcial, a idéia do sacerdócio geral dos crentes se mostrou altamente influente, tanto em termos eclesiais, quanto sociais e políticos. Igreja luterana é Igreja de comunidades, não de fregueses, nem de clientes ou de sócios. Constitui-se de *membros* do corpo de Cristo.

.....

MANDAMENTO N ° 6

Igreja, para ser missionária, deverá mobilizar os dons de seus membros, engajando-os na missão comum dos crentes.

.....



7. A importância missionária do dinheiro

Missão tem custos. Exige o investimento, aliás não tanto em prédios, e, sim, em pessoas. Prédios não fazem missão. Podem ser necessários como parte da infra-estrutura. Mas prioritário mesmo é motivar pessoas, treinar e equipá-las para a ação missionária. Importa investir primeiro em “trabalho” e somente depois em “patrimônio”. Assim ou assim, haverá despesas a cobrir. Esse “custo missão”, porventura vai ele acrescentar ônus à estrutura da IECLB? Planejamento missionário inclui o cálculo financeiro. Importa não negligenciar este aparte. Dinheiro é sujo somente se resultar de negócio sujo. É então que necessita de “lavagem”. No mais, é utensílio neutro, sobre cuja moralidade decide unicamente o uso que dele se faz. Vai cumprir função altamente benéfica, quando colocado a serviço da missão. É o que nos faz tecer algumas reflexões sobre a questão do dinheiro em comunidade evangélico-luterana.

- a. A estrutura administrativa da IECLB e de suas comunidades é considerada pesada por muitos de seus membros. Para uns, sem dúvida, o é. Para outros nem tanto. É uma questão de nível de renda e propriedade. É verdade que este, nos últimos decênios, tem diminuído, acentuando também entre os membros da IECLB as disparidades sociais. Inadimplência, desemprego, arrocho salarial, isto e outros flagelos são motivos de séria preocupação. Mesmo assim, não me parecem esgotados os recursos da IECLB. Há exemplos de Igrejas bem mais ricas de membros bem mais pobres. Não queremos imitá-las. Mesmo assim, o que se impõe é a necessidade de avaliar as potencialidades da IECLB, bem como seu sistema

de arrecadação de recursos.

- b. A IECLB vive da contribuição de seus membros. Contribuição não é pagamento. É uma forma de participar no sustento da comunidade. É uma ajuda de custo. Pois comunidade evangélica não se entende como clube religioso. Membresia no corpo de Cristo não se compra nem se vende. Quem se filiou à IECLB, se compromete, isto sim, a cooperar para que este corpo possa viver, muito de acordo com as possibilidades de que a pessoa dispõe. Diz o apóstolo Paulo: Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (2 Co 9.7). Escassez de dinheiro na IECLB pode ter sua causa num mal entendido do que seja “contribuição”.
- c. Essa “contribuição”, em termos evangélicos, será necessariamente *proporcional*. Diz a Bíblia: “...àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12.48). Igualdade é assim: É sempre proporcional. Portanto, cada um é convidado a contribuir conforme suas posses, sua renda, suas possibilidades. Ninguém é tão pobre que não pudesse contribuir com pelo menos alguma coisa. Deus não dispensa ninguém, mesmo que esteja em condições de cooperar com apenas cinquenta centavos por mês.
- d. Naturalmente, há outras modalidades de contribuir além da mensalidade. Também trabalho, tempo ou então produtos agrícolas, artesanais, industriais são preciosas ofertas a Deus. A comunidade precisa da dedicação de seus membros, de sua perícia, de seu engajamento. Mas precisa também de dinheiro. Há modelos bíblicos para tanto, a exemplo do dízimo. Se todos os membros da IECLB contribuissem com apenas três por cento de sua renda, certamente os orçamentos seriam bem mais folgados. Quem não mais contribui de nenhuma forma, já não mais participa da comunidade.
- e. Seja sublinhado que essa participação deverá ser voluntária, espontânea, deliberadamente assumida. A comunidade precisa planejar suas atividades, evidentemente. Precisa de uma previsão de custos, de um orçamento, de um sistema de

arrecadação que lhe garanta uma receita mínima. Por isso há que ser calculada a contribuição média de cada um dos membros. Mas então convém diferenciar. O amor cristão apela aos melhor situados a compensar o déficit de outros. Isto não por obrigação, mas por livre vontade. É um sistema que poderíamos chamar de *“espontaneidade incentivada”*. Sem incentivo, a espontaneidade morre. Não vai sentir-se valorizada. Da mesma forma precisa de diretrizes para poder medir o quanto for adequado oferecer. Por que não estabelecer várias faixas de contribuição, como já acontece em muitos lugares, com simultânea informação sobre as necessidades, as metas e as expectativas da comunidade?

- f. Motivação exige prestação de contas sobre a aplicação das verbas. Sem transparência vai faltar a vontade de contribuir. Sugere-se cogitar em abrir espaço para o membro destinar parte de sua contribuição financeira para fins específicos a exemplo de missão, formação, diaconia e outros. O orçamento participativo é uma boa invenção. Estimula a responsabilidade. Também outras fontes de renda, desde que respeitados os princípios éticos, não deveriam ser desprezadas. Bazares, campanhas especiais, rendas de patrimônio além de outras promoções entram em cogitação. E todavia, a comunidade jamais vai poder abrir mão da contribuição de seus membros. Se o fizesse, isto seria o fim do sacerdócio dos crentes.
- g. Quando há identificação com a causa da Igreja, normalmente não faltará dinheiro, exceto em caso de real carência. Dinheiro não se reduz a assunto puramente material. É questão eminentemente espiritual. Quer ser visto como um recurso não para comprar, mas para servir. Ele é imprescindível na tarefa de semear a palavra de Deus e de preparar a vinda do reino de Deus (Mt 3.1s). “Plantando, dá.” Esse provérbio se aplica também ao Evangelho e, por conseguinte, à IECLB e sua missão. Está aí a lavoura de Deus (1 Co 3.9), a sociedade brasileira, nossa cidade, nosso bairro. Quem aí não semeia, também não vai colher (2 Co 9.6). Quem não investe energicamente no esforço por despertar a fé, o amor e a

esperança, terá pesados gastos no futuro com o “saneamento básico” dos problemas humanos. É significativo que de semeadura material pode brotar fruto espiritual.

MANDAMENTO N ° 7

**Igreja, para ser missionária, deverá ser hábil em
motivar as pessoas a contribuir com sua parcela
financeira no plantio do Reino de Deus.**



8. O Evangelho e as necessidades humanas

Igreja avança, quando atende necessidades humanas. Enchem-se então seus templos. Igreja deve ser útil e oferecer ajuda nas agruras da vida. A filiação às Igrejas obedece majoritariamente esse critério. As pessoas procuram as Igrejas porque esperam delas algum proveito. Esperam delas algum “ganho de vida”. Consequentemente, as propostas das comunidades religiosas precisam demonstrar relevância. Tal expectativa de nenhum modo fere a dignidade do Evangelho. Pois se este consiste na promessa de vida abundante (Jo 10.10), de vida eterna (Ro 6.22), de salvação (At 4.12), vai oferecer exatamente aquilo que perfaz o mais profundo anseio do ser humano. Mensagem abstrata, irrelevante, distante do cotidiano não vai atrair ninguém – e nem será evangélica. Será um dos “supérfluos” a apodrecer nas prateleiras. E no entanto, há alguns considerandos a fazer:

- a. As dificuldades começam, quando devemos definir o que vem a ser “necessidades”. Não há consenso quanto a isto. Costumamos distinguir entre necessidades básicas e outras que não o são. Mas quais seriam essas? Misturam-se *necessidades* e *desejos*. A propaganda provoca apetites, fazendo crer ser indispensável o consumo de determinado produto. Faz parte da miséria humana ter perdido a noção do realmente necessário para a vida. “Não só de pão viverá o ser humano, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4.4). Será verdade? As “necessidades básicas” do ser humano foram formuladas por Jesus nas sete (!) preces do “Pai Nosso” (Mt 6.9s). Deus atende necessidades. Mas antes de o fazer vai submetê-las a averiguação crítica. Igreja luterana

está comissionada a nisso cooperar, a fim de que não sejam confundidas reais necessidades com meras ambições e até mesmo caprichos.

- b. Exatamente por essa razão não há como padronizar as necessidades. Assumem formas distintas conforme as circunstâncias, os contextos, os casos. Quem não diferencia, já não mais enxerga gente. Tornou-se presa de obsessões. No anonimato urbano as pessoas necessitam de identidade, do senso de auto-valor, de proximidade humana. Alegria é ingrediente essencial de vida condigna – fora o teto sobre a cabeça, a refeição na mesa, o lugar de trabalho. E os abandonados, os estressados, os doentes, todos tem necessidades específicas que clamam pela atenção da comunidade cristã. Evangelho é diaconia, como a vemos em Jesus. Tem a cura das pessoas e a glorificação de Deus por objetivo (Mt 5.16).
- c. Nem todas as necessidades humanas podem ser atendidas no nível apenas individual. As causas de muitos flagelos são de ordem política e social. Há “direitos humanos” a atender. Igreja luterana se sabe comprometida a insistir em justiça, paz e proteção ao meio ambiente. Pretende a sociedade sábia e a integridade da criação. Ela não confunde Igreja e Estado nem a fé e a política. Lembra, isto sim, que Deus tem o direito de ver respeitada sua vontade também na esfera pública. Espera de seus membros que assumam responsabilidade pela “paz da cidade” (Jr 29.7; Lc 19.42) e pelo bem comum, não desprezando cargos públicos, antes imprimindo-lhes o espírito da diaconia. Enquanto isso cabe à Igreja a função profética de fazer valer os direitos de Deus neste mundo. Salvação se prende ao reconhecimento de Deus como Senhor. Como tal tem o direito de julgar o pecado e de exigir prestação de contas, de ser bondoso e de perdoar (Mt 20.15), de dirigir sua atenção preferencial aos necessitados (Mt 5.3s). Na ótica bíblica, o “direito humano” decorre do “direito divino” e nele se apóia.
- d. E no entanto, os anos entre o nascer e o morrer com suas chances e ofertas se mostram insuficientes para saciar a ar-

dente sede por vida das pessoas. Já dizia Agostinho que o coração humano está inquieto, enquanto não repousar em Deus. Os anseios serão atendidos em definitivo somente num “além de nós”, numa realidade que “transcende” a atual. O encontro com Deus será a estação final da jornada humana (1 Co 13.12). Então, para quem crê, estarão integralmente atendidas as preces do Pai Nosso e cumpridas as promessas das Bem-aventuranças. É o que a Bíblia chama de “vida eterna”, uma existência além de tempo e espaço e por isto descritível apenas em parábolas, metáforas, comparações. Trata-se de uma expectativa para além da morte. Mas não é só isto. “Vida eterna” se prenuncia em poderosos sinais já nesta vida, renovando-a e dando-lhe qualidade. Quem crê antecipa futuro. Hoje é o dia da salvação, disse o apóstolo Paulo (2 Co 6.2), muito embora todas as “salvações hoje” permaneçam parciais. A vinda do perfeito continua sendo esperança (1 Co 13.10). Existem necessidades humanas que somente Deus tem condições de atender.

MANDAMENTO N º 8

**Igreja, para ser missionária, deverá ir ao encontro
dos justos anseios humanos, implícitos na
promessa evangélica da vida eterna.**



9. *Missão e ecumenismo*

“Quem pretende ativar a missão, não pode ser ecumênico. E, quem for ecumênico, não pode ser missionário.” À primeira vista, parece esta ser a lógica. Missão e ecumenismo são como água e óleo. Não se misturam, são incompatíveis. Quem pretende a amizade eclesial, deve desistir da concorrência religiosa. Quem, inversamente, procura atrair novos membros, arrisca estragar a boa vizinhança eclesial. Como sair do impasse? Devemos optar entre missão e ecumenismo? Importa esclarecer e corrigir algumas coisas:

- a. *Missão não deve ser confundida com proselitismo.* Entendemos sob esse termo a tentativa de aliciar novos membros com métodos dúbios e anti-evangélicos. Tornou-se sinônimo de “pesca em açudes alheios”, com isca sedutora ou com rede arrastão. É prometido abatimento nas mensalidades ou se opera com ameaças infernais. Não é esta a missão autêntica. Ela não pode ter por objetivo a brutal disputa de membros e o engrossar das próprias fileiras com fiéis “captados” de Igrejas irmãs. É claro que o imperativo do convite missionário permanece. Mas a atenção deve dirigir-se preferencialmente aos “sem-igreja”, isto é, às pessoas em busca de uma comunidade que ofereça abrigo espiritual e comunhão na fé. Existe uma diferença entre uma Igreja aberta, convidativa, acolhedora, e uma Igreja agressiva, conquistadora, aliciante. A IECLB deveria pertencer à primeira categoria, não ferindo o espírito do amor e seguindo o exemplo do mestre Jesus que nunca pressionou as pessoas. Missão evangélica rejeita quaisquer meios violentos, traiçoeiros, desrespeitosos.

- b. *Ecumenismo não deve ser confundido com sincretismo.* Está proibido de jogar as diferenças na mesma panela para produzir um indefinido mingau religioso. O relativismo não ajuda a ninguém, nem mesmo cria fraternidade. Esforço ecumênico pretende, isto sim, reconciliar diferenças, relembrando ou elaborando os consensos básicos para tanto. Não destrói identidades. Pois diversidade, enquanto capaz de cooperar, será útil, condição indispensável de real comunhão. Somente membros diferentes, cumprindo cada qual a sua função, garantem a saúde do corpo. Ecumenismo busca a fraternidade eclesial, a aprendizagem mútua. Não dispensa o diálogo nem a necessidade do exame crítico das posições. Em certos assuntos pode exigir até a discordância. Mas sempre procurará maneiras de atender o desejo de Cristo de que “todos sejam um” (Jo 17.21). Ecumenismo conjuga a paixão pela *verdade* com a paixão pela *paz*. Previne as “guerras religiosas”. O objetivo consiste na *comunhão*, não na *uniformidade* eclesial.
- c. *Existe uma missão comum e uma missão particular das Igrejas.* Missão não é atribuição exclusiva de uma só Igreja. Todas estão comissionadas a levar o Evangelho aos quatro cantos deste planeta. A cristandade tem um só Senhor, uma só Bíblia, um só mandato. Está comprometida com o culto exclusivo a Deus e com a diaconia à pessoa necessitada. A denúncia do pecado, a notícia das maravilhosas obras de Deus (At 2.11), a defesa da dignidade humana, em suma a evangelização perfaz a *missão ecumênica* de todas as pessoas cristãs. A privatização e a monopolização da missão constituem séria aberração. E todavia, a missão comum vai ser realizada de *forma particular*, do “nosso” jeito. Cada qual aplicará os meios de que dispõem e levará a tarefa a cabo da maneira que lhe é própria. Em outros termos, todos terão que trabalhar com o talento específico que receberam, para a glória do mesmo Senhor. Isto não é prejuízo, desde que a missão particular das Igrejas se entenda como contribuição para a missão comum da uma Igreja de Cristo.
- d. *Missão sem ecumenismo perde credibilidade.* Ecumenismo

sem missão vai reduzir-se a romantismo sentimental. Convém lembrar que o movimento ecumênico moderno surgiu de preocupações das sociedades missionárias no início do século XX. As divisões das Igrejas entravavam o curso do evangelho. E com efeito, rivalidades e desavenças entre os/as missionários/as desacreditam a mensagem que levam. Missão necessita da demonstração da unidade dos cristãos. Que esta unidade seja multiforme, não é empecilho. O escândalo reside no conflito. Missão necessita do espírito ecumênico. Da mesma forma, porém, há que se reivindicar vigor missionário do ecumenismo. Não se resume em pacifismo sentimental. Não permite a inércia missionária. Das Igrejas se espera proposta, dinamicidade, engajamento. Há que se distinguir entre missão e ecumenismo. Mas separar, jamais.

- e. *Necessita de especial comentário o assim chamado “macro-ecumenismo”.* Trata-se de ecumenismo com pessoas de outros credos religiosos e de culturas não cristãs. Porventura, será possível estender o ecumenismo também a esses grupos? Ao candomblé, por exemplo, à religiosidade indígena ou então ao islamismo? Há quem prefira falar em “diálogo” nesses casos. Suspeita-se que “ecumenismo interreligioso” signifique a renúncia à unicidade de Jesus Cristo. Nada mais errado do que isto. É claro que ecumenismo com outras religiões terá outra qualidade do que o ecumenismo entre Igrejas cristãs. Mas não se torna impossível. Pois todos somos pessoas amadas por Deus, criadas à sua imagem. E cada cultura recebeu sua sabedoria (Rm 2.14-16). Vejamos até que ponto isto confere. De qualquer maneira, proíbe-se a condenação cabal do diferente. Também o outro é gente, mesmo que não possamos concordar com suas convicções. Não vamos deixar de lhe testemunhar o amor de Deus encarnado em Cristo. Para nós, somente Jesus é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). E no entanto, mesmo que não sejamos capazes de confessar a mesma fé, procuremos ser “humanos” uns com os outros. Vamos abster-nos de juízos contundentes como se estivéssemos no lugar do próprio Deus

É impossível ter o mesmo grau de comunhão com todas as pessoas. Sempre haverá os mais próximos e os mais distantes. É como numa família. Há diferentes graus de parentesco. Assim também no ecumenismo. Isto não é prejuízo. O que importa é que ninguém seja definitivamente excluído, nem mesmo o “inimigo” (cf Mt 5.44). Ecumenismo não é sinônimo de ilimitada tolerância. Busca, isto sim, a convivência “familiar” das Igrejas que Deus congregou e da humanidade que ele criou.

Igreja, para ser missionária, deverá inscrever sua ação em horizontes ecumênicos, provando ser possível comunhão na pluralidade.



10. A obra do Espírito Santo

Missão é *tarefa* da comunidade, e, todavia, *obra* do Espírito Santo. Diz o salmista: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Sl 127.1). É o que se aplica também à missão cristã. Ela é uma atividade humana e eclesial. Deve ser planejada, financiada, executada. Não obstante, é alguém outro que “chama, reúne, ilumina e santifica” a Igreja, como diz Lutero na explicação do terceiro artigo do Credo Apostólico. Deus reúne o seu povo, o bom Pastor congrega seu rebanho, o Espírito Santo cria a comunhão dos santos. Para o bom exercício da missão é vital refletir sobre essa diferença entre tarefa e obra e tirar dela as devidas consequências:

- a. *A Igreja é serva, não dona da missão.* Como membros do corpo de Cristo nós nos colocamos a serviço da obra de Deus, como seus cooperadores (1 Co 3.9), trabalhadores em sua seara (Mt 9,37s). Somos enviados, assim como Jesus enviou seus discípulos. Fomos incumbidos de semear e de regar a semente do reino de Deus. E devemos semear muito (Mc 43-9). Mas o crescimento não está em nossas mãos (cf 1 Co 3.6s). Quem tenta forçar o fruto, vai arrancar a planta com raiz e tudo. Missão da Igreja é plantio, somente isto. Cabe preparar a terra e, sobretudo, examinar a qualidade da semente. Será proveniente de Deus? Quem semeia vento, colherá tormenta (Os 8.7). Quem, porém, semear a palavra de Deus, tem a promessa de colher bênção.
- b. *Espírito é aquela força que “faz a cabeça” das pessoas,* que lhes determina a vontade e lhes sensibiliza as consciências. Não é fantasma vagando pelo espaço. Transmite-se por pala-

vra, imagem, gesto. Assim também o Espírito Santo. Igreja se compõe de gente disposta a viver segundo o Espírito de Deus (Rm 8.4), a buscar a mente de Cristo (Fp 2.5), a pensar as coisas de Deus e não as dos homens (Mc 8.33). Vive orientada no que o Espírito Santo quer (Ap 2.7). Coloca os “interesses de Deus” acima dos “interesses humanos”. Estará a serviço do reino de Deus, não de outros “reinos”. Igreja que usurpou a obra do Espírito Santo, deixou de ser o que é e se transformou em empresa humana.

- c. O Espírito Santo é a alma da Igreja, sua vida, seu vigor. Mas como distinguir o Espírito Santo dos tantos outros espíritos, inclusive “imundos”, demoníacos (Mc 1.23)? Ora, ele tem em Jesus Cristo seu critério. Espírito que se emancipou de Jesus, já não mais é o Espírito Santo. Não pode haver conflito entre as três pessoas da Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Manifestação espiritual que está em desacordo com a obra do Deus criador e redentor, tem outra fonte. Não é cristã. Jesus Cristo é o identificador do Espírito Santo, assim como este aponta para Jesus e o Pai que o enviou. Todas as demonstrações espirituais devem necessariamente submeter-se ao “teste trinitário”.
- d. Espírito põe em *movimento*. É sopro, vento. É capaz de operar milagres. Mas nem sempre produz manchetes. O principal fruto do Espírito é o amor (Gl 5.22). Atua em coisas pequenas, humildes, a exemplo de paciência e bondade bem mais do que em proezas espetaculares como visões e o falar em línguas. Prefere a comunhão do grupo ao virtuosismo espiritual de alguns indivíduos (2 Co 13.13). Quem exige contínuas sensações, aliena o Espírito de Deus. Por construir comunidade, o Espírito cria também regulamentos, isto é “regras de jogo”, *instituição*. Movimento é vida, instituição é casa. Ambos são necessários. A instituição, a estrutura, garante continuidade, o movimento dinamicidade. Sem casa a comunidade ficará ao relento, sem dinâmica a casa decai. Vale sublinhar que esta casa, chamada Igreja, não termina nas fronteiras paroquiais. Isolacionismo faz a paróquia murchar. Aproxima-a perigosamente de uma seita. Igreja é sem-

- pre maior do que a comunidade local, embora esta seja a base constitutiva daquela.
- e. Os veículos do Espírito Santo são palavra e sacramento. O Espírito não vem em dúbias revelações especiais. Comunica-se através do Evangelho escrito, falado, praticado, testemunhado, abrindo novas perspectivas e desenhando novos rumos na vida das pessoas. Ensina-as a colocar seus dons a serviço de Deus e do próximo. É através de manifestações muito humanas que o Espírito Santo chega a nós. Ele vem sempre “embalado”. Oferece-se em “vasos de barro” (2 Co 4.7). Importa que a embalagem seja adequada ao tesouro nele contido. Missão cristã não poderá deixar de examinar, se os meios utilizados obstaculizam a ação do Espírito ou se a favorecem. Não é possível isolar o conteúdo da forma. É claro que o Espírito Santo pode concretizar seus planos também contra as resistências humanas. E todavia, convocou a comunidade para ser seu instrumento.
- f. O Espírito Santo é o Espírito da verdade (Jo 14.17), da sabedoria (Ef. 1.7). É o Espírito do caminho sobremodo excelente do amor (1 Co 13.1s). Proíbe-se fraccionar o Espírito Santo. Isto acontece quando são divorciadas a verdade, a sabedoria e o amor (cf 1 Co 8.1s). Verdade sem amor pode ser altamente cruel. Amor sem verdade vai corromper-se e acabar em fraqueza. Verdade e amor se complementam mutuamente e juntos representam aquela sabedoria de que o mundo precisa. Missão cristã terá que conjugar devidamente as diferentes propriedades do Espírito para não mutilar o evangelho e perverter a missão.

MANDAMENTO N º 10

Igreja, para ser missionária, deverá auscultar a voz do Espírito e traduzir sua vontade e atuação em vivência evangélica.

MANDAMENTO Nº 1

Igreja, para ser missionária, deverá ensaiar a arte de convidar.

MANDAMENTO Nº 2

Igreja, para ser missionária, deverá eliminar causas de injustificável evasão de membros.

MANDAMENTO Nº 3

Igreja, para ser missionária, deverá ser capaz de reconciliar diversidade e promover comunhão.

MANDAMENTO Nº 4

Igreja, para ser missionária, deverá mostrar um claro perfil e uma proposta convincente.

MANDAMENTO Nº 5

Igreja, para ser missionária, deverá conjugar o esforço por eficiência com a fidelidade ao Evangelho.

MANDAMENTO Nº 6

Igreja, para ser missionária, deverá mobilizar os dons de seus membros, engajando-os na missão comum dos crentes.

MANDAMENTO Nº 7

Igreja, para ser missionária, deverá ser hábil em motivar as pessoas a contribuir com sua parcela financeira no plantio do Reino de Deus.

MANDAMENTO Nº 8

Igreja, para ser missionária, deverá ir ao encontro dos justos anseios humanos, implícitos na promessa evangélica da vida eterna.

MANDAMENTO Nº 9

Igreja, para ser missionária, deverá inscrever sua ação em horizontes ecumênicos, provando ser possível comunhão na pluralidade.

MANDAMENTO Nº 10

Igreja, para ser missionária, deverá auscultar a voz do Espírito e traduzir sua vontade e atuação em vivência evangélica.

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
<i>Preliminares</i>	5
<i>1. Missão - o que é</i>	7
Mandamento n° 1	9
<i>2. Mecanismos de exclusão</i>	10
Mandamento n° 2	12
<i>3. Ser cristão em rebanho plural</i>	13
Mandamento n° 3	15
<i>4. O talento luterano</i>	16
Mandamento n° 4	19
<i>5. A fé, o sucesso e a cruz</i>	20
Mandamento n° 5	21
<i>6. O sacerdócio de todos os crentes</i>	22
Mandamento n° 6	24
<i>7. A importância missionária do dinheiro</i>	25
Mandamento n° 7	28
<i>8. O Evangelho e as necessidades humanas</i>	29
Mandamento n° 8	31
<i>9. Missão e ecumenismo</i>	32
Mandamento n° 9	35
<i>10. A obra do Espírito Santo</i>	36
Mandamento n° 10	38
Os Dez Mandamentos para Igreja Missionária	39

Missão quer motivar e educar para a fé, o amor e a esperança. Quer congregar as pessoas em comunidade que dá culto a Deus, serve ao próximo, desempenha função reconciliadora e libertadora no mundo. Missão visa a transformação de indivíduo e sociedade. Pretende a conversão, a reorientação, a mudança de rumo. Está a serviço do reino de Deus e da "comunhão dos santos". Por isto, missão vai empenhar-se em reunir o povo de Deus, em edificar comunidade (1 Co 14.12; etc.), em ensaiar comunhão.

A esta comunidade, templo de Deus (1 Co 3.16), Jesus reservou a nobre tarefa de ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13s). A despeito da imperfeição que caracteriza também a comunidade cristã, cumpre-lhe ser sinal de novidade, buscando em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça.

Gottfried Brakemeier

